



PORTUGUÊS: LINGUAGENS: DA TEORIA À PRÁTICA

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹
Adenize Aparecida Franco²

Resumo: A coleção *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2013), organiza-se a partir do conceito de gêneros discursivos/textuais e de seu ensino estabelecido pelo Interacionismo Sociodiscursivo, como a própria obra anuncia no Manual do Professor. Nesse sentido, motivamo-nos em investigar como se configura a abordagem prática do referido material. Isto é, como os gêneros discursivos/textuais são tomados como objeto de ensino e de aprendizagem no livro do aluno. Para tanto, delimitamos dois momentos de um dos livros da coleção e centramo-nos no mesmo arcabouço teórico que constitui o material didático. Os resultados demonstraram que o querer dizer; a situação comunicativa; o suporte; os elementos que formam o contexto de produção e a arquitetura interna do texto são todos abordados como conteúdo escolar, contudo, em alguns momentos com divergências entre a abordagem prática e a teoria anunciada.

Palavras-chave: Gêneros discursivos/textuais. Livro didático. Interacionismo Sociodiscursivo.

PORTUGUÊS: LINGUAGENS: FROM THEORY TO PRACTICE

Abstract: The collection *Portuguese: languages*, from Cereja and Magalhães (2013), is organized by the concept of discursive/text genres and its lectures established by the Socio-discursive Interactionism, as the own written material proclaims on the Manual of the Professor. On this direction, we motivate ourselves on investigating how the practical approach is configured. This is, how the discursive/text genres are taken as an object of study and learning on the student's book. For this purpose, we delimit a unit of one of the books of the collection and focused in the same theoretical framework which constitutes the same didactic material. The results show that the desire of saying; the communicative situation; the support; the elements which comprises the context of production and the internal architecture of the text are all addressed as a school content, however, in some moments with deviants between the practical approach and the announced theory.

Keywords: Discursive/text genres. Textbook. Interactionism Socio-discursive.

Introdução

A coleção *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2013), é um dos livros didáticos mais adotados pelas escolas da rede pública de ensino do país, conforme revela a editora Saraiva³, que é a responsável pela editoração,

¹ Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Doutora em Estudos da Linguagem.

² Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

³ Informação disponível em: <http://sites.editorasaraiva.com.br>. Acesso em: 05/06/2016.



publicação e comercialização da referida obra. Por estar tão presente em sala de aula e, principalmente, pelo fato da coleção organizar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa tendo como eixo os gêneros do discurso, conforme a obra anuncia “esta edição adota a perspectiva de trabalho centrada nos gêneros do discurso” (CEREJA & MAGALHÃES, 2013, p. 416), motivamos-nos em investigar como se configura a abordagem prática do referido material. Isto é, buscamos compreender como as operações de linguagem que constituem os gêneros discursivos/textuais são tomados como objeto de ensino e de aprendizagem são trabalhadas pelo material. Para tanto, centramo-nos na definição teórica de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003) e na proposta metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (SCHNEUWLU, 2004; DOLZ, SCHNEUWLY, 2004). Com destaque ao fato de que a perspectiva teórico-metodológica do ISD é a adotada pelo material, segundo o Manual do professor (CEREJA, MAGALHÃES, 2013).

44

Os gêneros do discurso

Em *Estética da criação verbal*, no capítulo *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2003) expõe que toda forma de utilização da língua se faz em forma de enunciados, sejam orais ou escritos, constituídos por integrantes de diferentes “campos da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Enunciados que refletem os valores ideológicos, as condições específicas e as finalidades de cada um dos infinitos campos existentes em uma sociedade. A afirmativa ainda é a de que ligados de forma indissolivelmente no todo dos enunciados estão o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, os quais formam os gêneros.

O conteúdo temático é o que pode ser tido dentro de um gênero, ou seja, é o assunto tratado no texto mais a valoração que é dada ao referido assunto pelo autor do texto, por seus interlocutores, considerando ainda o momento e o lugar de produção textual, a intenção comunicativa. A construção composicional é a forma estrutural e semiótica que o texto assume por pertencer a um



determinado gênero. E o estilo diz respeito às unidades linguístico-discursivas relativamente estabilizadas em um gênero.

Ainda de acordo com Bakhtin (2003), todo enunciado tem uma razão para ser produzido, assim, a partir do querer-dizer do autor, da finalidade do que se propõe a comunicar, do tema a ser tratado, um indivíduo escolhe um gênero para participar de uma situação comunicativa.

Importante destacar também que em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochinov (2006) defendem que a ordem metodológica para o estudo da língua, seja que gênero for, deve partir da dimensão social para as formas da língua: primeiro investigando as formas e os tipos de interação verbal em ligação com os campos em que se realizam as interações; depois as formas distintas de enunciações em ligação com as interações que as constituem, os gêneros do discurso; e só então o exame das formas linguísticas.

Pautado sobre essa perspectiva, os pesquisadores do Interacionismo Sociodiscursivo, mais especificamente Bronckart (2009) elaborou um procedimento para análise de textos que consiste primeiro na compreensão do querer dizer daquele que produz o texto, seja na modalidade escrita ou oral da língua; da situação comunicativa ou campo da atividade humana da qual participa o gênero (BAKHTIN, 2003); e no levantamento dos elementos que formam o contexto de produção e a arquitetura interna do texto.

O contexto de produção é formado pelos parâmetros do mundo físico de produção: emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido; e pelos parâmetros do mundo social e subjetivo: elementos da interação comunicativa que integram valores, normas e regras e a imagem que o emissor tem de si ao interagir e de seus receptores. E dentro do contexto de produção analisa-se também o conteúdo temático do texto, ou seja, o assunto nele tratado, as informações trazidas pelo texto. Dessa forma, o que Bronckart (2009) define como contexto de produção é o que Bakhtin (2003) chamou de conteúdo temático.

A arquitetura interna, segundo Bronckart (2009), é composta pelo: plano geral do texto; os tipos de discurso; e os tipos de sequências ou tipos de textos;



os mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal (responsáveis pela coerência temática de um texto); e os mecanismos enunciativos: vozes e marcação das modalizações presentes em um texto.

Importante destacar ainda que após a aplicação do procedimento de análise de textos de Bronckart (2009) os resultados evidenciam os elementos que formam um gênero.

O livro didático *Português: linguagens e sua proposta de trabalho com os gêneros*

Da coleção “Português”: linguagens, analisamos, neste trabalho, apenas o livro 1 - destinado ao 1º ano do ensino médio. O referido livro está organizado em 4 unidades, cada uma delas é estruturada a partir de um “movimento literário ou parte dele” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 436) e em capítulos que se dividem no trabalho com a literatura, a produção de texto, a gramática e interpretação de texto. De forma mais específica, analisamos o Capítulo 2, da Unidade 1 e o Capítulo 2 da Unidade 2, ambos destinados ao trabalho com a produção de texto. Porém, antes de tratarmos dos capítulos em questão, a fim de compreender a proposta prática do material, foi preciso compreender a proposta teórica instaurada no Manual do Professor.

Segundo o Manual do Professor, os capítulos destinados a “Produção de texto” tem o objetivo de tomar como objeto de ensino e aprendizagem um gênero, fazendo com que o aluno apreenda os “aspectos da estrutura (modo composicional), do tema (conteúdo), do estilo (linguagem), do suporte e da situação de interlocução de cada um dos gêneros” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 442). Bem como, o capítulo objetivo que o aluno produza textos do gênero em estudo. Pautados nessa informação, analisamos o Capítulo 2, da Unidade 1, que se intitula “Introdução aos gêneros do discurso”, e apresenta o seguinte texto de abertura:

Em casa, na rua, na escola, no clube, no restaurante, todos nós, no dia a dia, circulamos entre textos. O que é texto? Uma conversa telefônica



informal entre amigos é um texto? A letra de uma música que ouvimos pela rádio é um texto? [...]. Quando falamos, também produzimos textos ou são textos apenas os escritos? Para que servem os textos? O que diferencia um texto do outro? (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 28).

Na sequência dessa abertura são apresentados 6 textos e um conjunto de perguntas, do qual destacamos a primeira:

1.O texto “Do seu coração partido” é narrativo, isto é, conta uma história. O texto narrativo apresenta fatos em sequência: um fato causa um feito, que dá origem a outro fato, e assim por diante (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 31).

Nesse primeiro exercício, o livro didático não anuncia qual é o gênero do texto “Do seu coração partido”, se ele é, por exemplo, um conto, um romance, etc., o que o material faz é classificar o texto pelo tipo de sequência ou tipo de texto predominante na constituição de sua arquitetura interna (BRONCKART, 2009). A distinção entre gênero e tipo de texto é apresentada por Marcuschi (2002) da seguinte forma: tipo textual é “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição” (p. 23), e se dividem em categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Os tipos participam da textualidade dos gêneros, os quais “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Dos 6 textos, apenas o Texto VI é identificado pelo livro didático, na atividade de número 6, como pertencente a um gênero, o anúncio publicitário, todos os demais recebem classificações ora apenas pelo tipo, como o que acontece na questão 1, ora o livro propõe que o aluno identifique o texto pela função sócio-comunicativa que o constitui, por exemplo: questão 2 - a proposta é para que o aluno identifique qual dos seis textos conta uma história ficcional e qual relata acontecimentos; questão 3 - identificação de qual texto é instrucional; questão 4 – pergunta qual a finalidade dos textos; e a questão 6:

6.Como síntese desta atividade, indique o texto cujo objetivo principal é:
a) narrar uma história fictícia; (o texto III)⁴

⁴ As sugestões de respostas oferecidas pelo material foram marcadas em letra menor para identificação.



- b) relatar fatos reais; (o texto I)
- c) expor conhecimentos formais, científicos; (o texto V)
- d) divulgar um produto ou uma ideia; (o texto VI)
- e) argumentar para persuadir o interlocutor sobre um ponto de vista; (o texto IV)
- f) instruir como proceder para obter um resultado. (o texto II) (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 32).

A proposta dos exercícios é contraditória ao que é apresentado no Manual do professor, como posto, os capítulos destinados a produção de texto tem o objetivo de tomar como objeto de ensino e aprendizagem um gênero, mas os gêneros os gêneros que constituem cinco dos seis textos não são ao menos referenciados. A contradição entre teoria e prática se estabelece também quando Cereja e Magalhães (2013) reproduzem a tabela de agrupamento de gêneros construída por Dolz, Pasquier e Scheneuwly (s/d) no Manual do professor. Tabela onde, por exemplo, os gêneros: conto maravilhoso, conto de fadas, fábula, lenda, narrativa de aventura, biografia romanceada, romance, etc. são expostos como exemplos de gêneros formados pelo aspecto tipológico do narrar, porém, nas atividades o material identifica o texto apenas pela tipologia. Além disso, a orientação do Manual do professor para a organização da progressão curricular, pelo professor, é a de que,

48

Por exemplo, em determinado ano os alunos vivenciam uma sequência didática com um dos gêneros do grupo do narrar, em seguida passam a outra sequência, trabalhando com um gênero do grupo do expor, depois, passam a outra sequência, trabalhando com um gênero do grupo descrever ações e assim por diante (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 421).

Assim, a proposta prática não promove que o aluno compreenda que os textos oferecidos na atividade fazem parte de diferentes grupos, formados por domínios de comunicação, aspectos tipológicos e capacidades dominantes diferentes e por isso são gêneros específicos.

Após o exercício 6 do Capítulo 2, da Unidade 1, a obra expõe para o aluno a definição teórica de gêneros:

O que é gênero do discurso?

Ao desenvolver a atividade anterior, você deve ter observado que os textos foram produzidos em situações e contextos diferentes e que cada um deles



cumpra uma finalidade específica. Se o objeto do locutor é, por exemplo, instruir seu interlocutor, ele indica passo a passo o que deve ser feito para se obter um bom resultado. Se é expressar sua opinião e defender um ponto de vista sobre determinado assunto, ele produz um texto que se organiza em torno de argumentos. [...]

Assim, quando interagimos com outras pessoas por meio da linguagem, seja a linguagem oral, seja a linguagem escrita, produzimos certos tipos de texto que, com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo de linguagem e na estrutura. Esses tipos de texto constituem os chamados gêneros do discurso ou gêneros textuais e foram criados historicamente pelo ser humano a fim de atender a determinadas necessidades de interação verbal. [...]

Numa situação de interação verbal, a escolha do gênero é feita de acordo com os diferentes elementos que participam do contexto, tais como: quem está produzindo o texto, para que, com que finalidade, em que momento histórico, etc.

Os gêneros discursivos geralmente estão ligados a esferas de circulação. [...] (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 32).

A definição é convergente com os preceitos de Bakhtin (2003) e do ISD, que sustenta as orientações do Manual do Professor, contudo, é preciso realizarmos algumas ressalvas. Merece destaque a afirmativa de que os gêneros “geralmente” estão ligados às esferas, o que Bakhtin (2003) defende é que os gêneros refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas das quais participam, não sendo nenhuma referência ao “geralmente”. Outra ênfase é sobre a assertiva de que “...produzimos certos tipos de texto que, com poucas variações, se repetem no conteúdo, no tipo de linguagem e na estrutura”, afirmar que são poucas variações é totalmente contraditório às concepções de gêneros por Bakhtin (2003). Para o autor, cada esfera social pode comportar um grande número de diferentes gêneros, os quais vão sofrendo modificações e ampliações de acordo com a evolução da esfera, chegando Bakhtin a expor que seria possível “pensar que a diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que não há e não poderia haver um terreno comum para seu estudo” (BAKHTIN, 2013, p. 262). No mesmo sentido, defende o ISD, por meio de Bronckart (2009), que, a princípio, o critério mais objetivo para identificar e classificar os gêneros poderia ser reconhecer e classificar os segmentos específicos que os configuram, como os recursos linguísticos-discursivos que formam os textos. Entretanto, ressalta Bronckart (2009), cada nova situação de comunicação é nova, assim o indivíduo singular ao eleger um gênero faz nele



adaptações, (re)organizando os recursos linguísticos-discursivos de acordo com seu estilo próprio, seu querer-dizer, a esfera social, o objetivo da interação, a ideologia que permeia a situação comunicativa, os interlocutores, etc.

Além da definição de gênero, o livro didático expõe, na sequência do capítulo, as definições de gêneros literários clássicos: o gênero lírico, o épico, o dramático e uma breve citação aos conceitos dos gêneros narrativos modernos: o romance, a novela, o conto, entre outros.

O Capítulo 2, da Unidade 2 foi eleito como objeto de investigação de forma aleatória. Tendo o gênero relato pessoal como conteúdo do processo de ensino e da aprendizagem, o capítulo em questão oferece na subseção “Trabalhando com o gênero”, logo na abertura do capítulo, um trecho de um relato pessoal e atividades de estudo do texto; em seguida as seções “Produzindo o relato pessoal”; “Planejamento do texto”; “Escrevendo com técnica” - encaminham o trabalho da produção propriamente dita.

Partindo dos princípios de Bakhtin (2003), de Bakhtin/Volochinov (2006) e de Bronckart (2009), buscamos compreender como o capítulo aborda: 1) a intenção comunicativa ou o querer dizer daquele que produz o relato pessoal; 2) a situação comunicativa ou campo da atividade humana da qual participa o gênero; 3) o suporte; 4) os elementos que formam o contexto de produção; 5) os elementos que formam a arquitetura interna do texto.

Assim, iniciamos nossas análises pela subseção “Trabalhando com o gênero” que anuncia: “O texto a seguir foi escrito pelo jornalista e escritor português Miguel Sousa Tavares. Leia-o”. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 136-137). Sendo esse, portanto, o texto de abertura do trabalho com o gênero relato, o consideramos divergente da proposta teórica do livro didático, uma vez que nenhuma instrução é dada ao aluno sobre o porquê estudar o relato pessoal, sobre qual a finalidade do gênero (BAKHTIN, 2003), qual a intenção do autor ao produzir o relato. O encaminhamento é divergente também dos preceitos de Bakhtin (2003) para quem o querer-dizer do autor de um texto é o que determina a escolha de um gênero em detrimento a outros.



No mesmo sentido, as 8 questões de estudo do texto de Tavares não trabalham a finalidade comunicativa do gênero. E ainda, a pergunta de número 8 solicita que ao elencar as características do relato pessoal, o aluno considere esse aspecto. A saber:

8. Reúna-se com seus colegas de grupo e conclua: Quais são as características do relato pessoal? Ao responder, considerem os seguintes critérios: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte e veículo, tema, estrutura, linguagem. Resposta: A finalidade do relato pessoal é narrar experiências vividas, episódios, marcantes da vida de quem escreve. [...]. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

Nossa reflexão é: como o aluno poderia concluir sobre qual é a finalidade do gênero se nada sobre isso foi até aquele momento trabalhado pelo livro didático? Portanto, mais uma vez, essa organização prática do livro não é convergente com a definição teórica apresentada no Manual do professor de que a escolha de um gênero ocorre de acordo com as necessidades e finalidades do produtor do texto ao intencionar participar de uma interação comunicativa.

51

Voltando-nos ainda à sugestão de resposta à questão 8, ao instruir que “a finalidade do relato pessoal é narrar experiências vividas” (p. 138), a obra é incoerente. O próprio nome dado ao gênero: relato indica que ao construir um texto que materializa esse gênero, o autor relata fatos ocorridos e não os narra. A tipologia do narrar está vinculada à contação de histórias ficcionais, conforme tabela de agrupamento de gênero reproduzida pelo material no Manual do Professor, conforme já apontamos. A especificidade do relatar é conteúdo nas questões:

- 1) No texto, o autor relata um fato que viveu em uma viagem. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).
- 2) Nos relatos, é comum o emprego da descrição [...] (p. 138).
- 3) O fato relatado pelo narrador foi inventado por ele ou é recordação de uma experiência vivida? [...] (p. 138).

Logo, a sugestão de resposta à questão 8 vem de encontro a essas três atividades ora transcritas.



A respeito da situação comunicativa ou campo da atividade humana da qual participa o gênero (2) - ancorados na Diretriz Curricular do Estado do Paraná de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2009) nossa afirmativa é de que o relato pessoal participa da esfera cotidiana, o que é abordado por Cereja e Magalhães nas questões:

1. No texto, o autor relata um fato que viveu em uma viagem.
 - a) Que fato foi esse? Uma tempestade de areia no deserto.
 - b) Observe o título do texto e a frase abaixo dele: “Depois de atravessar a tempestade, nunca mais seremos os mesmos”. Há relação entre esses dois elementos e a experiência que é relatada pelo autor? Sim, porque o relato refere-se a uma experiência marcante para o autor. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

3. O fato relatado pelo narrador foi inventado por ele ou é recordação de uma experiência vivida? Apresente alguns trechos que comprovem sua resposta. O fato foi uma experiência vivida, como comprovam o título, à frase abaixo dele e trechos como “Há dois dias que estávamos debaixo daquela tempestade de areia”. “Nada há que possa descrever com exatidão o que é uma tempestade de areia no deserto”, entre outros. (p. 138).

52

A esfera cotidiana está firmada no fato de que o relato é sobre acontecimentos reais que de alguma forma foram marcantes na vida do autor do texto. Nesse sentido, a temática tratada no gênero relato concilia-se ao registro de memórias, de experiências vividas relacionada na tabela de agrupamento de gêneros (Manual do professor). Portanto, o trabalho com a situação comunicativa da qual participa o gênero é convergente na proposta teórica e na prática propostas pelo material.

Sobre os elementos que formam o contexto de produção (4): emissor, destinatário, momento e lugar de produção (BRONCKART, 2009), o trabalho proposto pelo LD se organiza da seguinte forma: quem é o emissor ou autor do texto em sua representação física é abordado apenas na abertura do capítulo: “jornalista e escritor português Miguel Sousa Tavares” (p. 136); o papel social que assume esse autor é conteúdo das questões 1, e, 4 e 8. Questão 1: encaminha a compreensão de que o autor é um indivíduo que vivenciou de forma real a história: “1. No texto, o autor relata um fato que viveu em uma viagem” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138); questão 2: o relatado é uma recordação



de experiência real do autor; questão 4: a indicação que o autor do texto é alguém que viveu a história que conta: “c) O autor participa da história como observador ou como protagonista? Como protagonista” (p. 138); e também a questão 8 que reforça a posição do autor como alguém que é protagonista da história por ele vivenciada.

Assim, as atividades se estruturam de forma a levar o aluno a compreender que o autor do texto “O deserto dentro de nós” relata experiências vividas e por esse motivo é o protagonista da história, o que justifica o emprego da primeira pessoa do discurso na organização discursiva (questão 8). E ainda, na seção “Produzindo o relato pessoal” (p. 138), ao oferecer duas propostas de produções de textos ao aluno, o material estabelece que se o aluno viveu alguma situação “marcante” cabe a ele também ser autor de um relato, por exemplo:

1. Lembre-se de um episódio marcante ocorrido com você, na infância ou mais recentemente – uma travessura de arrepiar, um presente inesperado, a adaptação numa escola nova, o nascimento de um irmão ou uma irmã, uma viagem ou um passeio inesquecível, uma grande decepção, um fato acontecido na vizinhança, etc. – e, escreva um relato sobre ele. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

53

Também na seção “Planejamento do texto” a orientação é a de que:

Ao redigir seus relatos, leve em conta as orientações a seguir:
- Tema do texto – lembre-se de que você é protagonista; assim, seu relato deve apresentar experiências vividas [...] (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 139).

As atividades direcionam o aluno a apreender que qualquer indivíduo que tenha vivido uma situação diferente, inusitada, divertida, emocionante, pode produzir um relato pessoal. Tal sujeito não precisa de autoridade para a legitimação de um papel social específico (BRONCKART, 2009), como acontece, por exemplo, com o autor de um editorial, que precisa ser um jornalista responsável ou designado pelo jornal para que produza e publique esse gênero. Portanto, o trabalho do reconhecimento de quem pode produzir um relato estabelece-se de modo convergente, no material, entre a prática e a teoria de sustentação.



Sobre o destinatário, esse elemento é tomado como conteúdo de ensino e aprendizagem na questão 6 e na 8:

6. Pelas características do tema e da linguagem, levante hipóteses: a que tipo de público esse relato pessoal se destina? A um público que inclui jovens e adultos. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

8. Reúna-se com seus colegas de grupo e conclua: Quais são as características do relato pessoal? Ao responder, considerem os seguintes critérios: [...] perfil dos interlocutores, [...]. [...] O locutor é o escritor, o destinatário é o público em geral. [...] (p. 138).

Entretanto, a sugestão de resposta à questão 6 é incoerente. Mesmo sendo uma colocação hipotética, concluir que o relato pessoal “O deserto dentro de nós”, transcrito nas páginas 136-137, é destinado a um público jovem e adulto é algo que não pode ser comprovado. O relato foi publicado na Revista Lugar, mas o livro didático não contextualiza que revista é essa e para qual segmento de público a revista se destina. Em pesquisa em sítios de busca não conseguimos encontrar a revista, então, não há como o livro didático apresentar uma afirmativa de que o destinatário do texto seria “um público que inclui jovens e adultos”.

Destacamos ainda que na sugestão de resposta à questão 8, o destinatário não é posto como um dos participantes da construção dos sentidos de um texto, conforme o que preconiza Bakhtin (2003), o destinatário é generalizado como um ouvinte/leitor de qualquer tipo de texto, uma vez que é definido pelo material como o “público em geral”. Contudo, de forma diferente e adequada na seção “Planejamento do texto” (p. 139), o destinatário é definido pelo livro de forma explícita, o que colabora para que o aluno entenda a importância de se considerar quem são seus leitores no momento da produção de seu relato. A saber:

- Perfil do leitor – seus textos serão publicados no livro que a classe deverá montar no projeto Relato para todos, nesse capítulo, e serão lidos por colegas de sua classe e de outras, por professores, funcionários da escola e convidados.

[...] – Procure empregar uma linguagem adequada ao perfil dos interlocutores e à situação. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 139).



A respeito do lugar e do momento de produção (elementos da condição de produção (4)), esses aspectos são citados na sugestão de resposta à questão 8:

8. Reúna-se com seus colegas de grupo e conclua: Quais são as características do relato pessoal? [...] [...] Apresenta geralmente tempo e espaço bem-definidos. Os fatos ocorrem predominantemente no tempo passado. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

E também nas orientações para a produção do texto do aluno:

-Tema do texto – [...] seu texto deve apresentar experiências vividas e bem-situadas no tempo e no espaço.
[...]
- Características do gênero a serem observadas – em um relato, o tempo e o espaço são bem-definidos, [...]. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 139).

Destaco, os aspectos em questão são citados pela obra, mas não trabalhados de forma a levar o aluno a construir conhecimentos sobre como o lugar e o momento da produção de um texto podem interferir na construção dos sentidos. Embora exista uma abordagem instituída na seção “Escrevendo com técnica” (p. 140-144) e na instrução para a construção do relato pelo aluno. Portanto, acreditamos ser complexo para o aluno conseguir relacionar tais aspectos como característica do gênero, em resposta à questão 8, uma vez que esses elementos são trabalhados apenas de forma mais substancial no final do capítulo em questão.

55

Sobre o suporte (3), ele é conteúdo da atividade 7:

7. Levante hipóteses: em que veículos um relato pessoal pode ser divulgado? Em livros, revistas e sites. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

As referências são convergentes com a instrução do material de que os relatos produzidos pelos alunos sejam publicados em um livro de classe, mas para que a ação se efetive é preciso que o professor faça uma ampliação da instrução, incluindo, por exemplo, os *blogs*, o *facebook* ou outras mídias sociais, veículos bastante utilizados por jovens que cursam o ensino médio, e veículos esses que atualmente os relatos são mais constantemente publicados.



Sobre a organização da arquitetura interna (5) do relato pessoal: o plano geral desse gênero é tomado como objeto de ensino e aprendizagem apenas no conjunto de instruções dadas ao aluno para a produção do texto, e de forma superficial, pois a orientação do LD é: “Dê um título ao seu relato” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 140). Seria preciso um trabalho explícito com o fato desse gênero ser formado em seu plano geral, conforme Bronckart (2009), por um título e o texto propriamente dito, o qual pode variar em extensão se for publicado em um livro ou em uma revista, ou em outro veículo.

A respeito dos tipos de discurso, nada é exposto no capítulo em estudo, e no caso dos tipos de sequência, a descrição, que é a que predomina nesse gênero, é apresentada ao aluno nos seguintes momentos:

2. Nos relatos, é comum o emprego da descrição, usada para caracterizar as pessoas, os lugares, os objetos, as sensações, etc. como é descrita no relato a tempestade de areia? Como “uma imensa marcha negra a tapar o céu” e “um turbilhão de areia em movimento ocupando o solo”, “uma furiosa caverna negra”. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

56

Planejamento do texto

- Características do gênero a serem observadas – [...] há trechos descritivos, [...]”. (p. 140).

E na seção “Escrevendo com técnica”, das páginas 140 a 144 - os autores do material expõem a definição teórica de descrição e dos tipos de descrição: objetiva e subjetiva; descrição de cena, de personagem, de cenário; bem como apresenta um conjunto de atividades que toma como texto de apoio um fragmento de um romance formado pela sequência descritiva. Logo, os elementos que formam a sequência predominante em um relato são abordados, fazendo convergir as atividades práticas do livro didático com a proposta teoria pautada nos princípios bakhtinianos.

Sobre o tempo verbal que organiza a textualidade do relato (BRONCKART, 2009), elemento que compõe o estilo do gênero (BAKHTIN, 2003), há uma citação do material didático de que o tempo em predominância é o pretérito, mas o motivo pelo qual esse é o tempo verbal nada é explicado. Exemplo:



4. Releia os seguintes trechos do relato e observe os pronomes, implícitos e explícitos, e as formas verbais destacados:

- “a nossa caravana de 17 jipes e 35 pessoas estava semiperdida na posta para Tamanrassert”.

- “Fugimos à frente da tempestade a toda velocidade”.

- “A toda a pressa, juntamos provisões de comida e de água”.

- “quando quero regressar ao jipe, não o consigo distinguir no meio da nuvem da areia”.

[...].

b) Em que tempo estão as formas verbais? Predominantemente no passado. Professor: nesse texto, por causa do seu caráter reflexivo, há também muitas formas verbais no presente. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

O mesmo tipo de proposta ocorre na seção “Planejamento do texto”, o material instrui o aluno a empregar em seu texto o verbo no pretérito, mas não indica os motivos para essa escolha: “Características do gênero a serem observadas – [...], os verbos são empregados geralmente no passado [...]. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 140).

Outro elemento do estilo é a linguagem, abordada na questão 5:

57

5. Observe a linguagem do texto. A variedade linguística utilizada está de acordo ou em desacordo com a norma-padrão? Ela é formal ou informal? Foi utilizada uma variedade linguística de acordo com a norma-padrão formal portuguesa. (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 138).

A formalidade é a modalidade empregada no relato “O deserto entre nós”, conforme o LD. Contudo, pela falta de apresentação do público leitor da Revista Lugar, como já explicado, o LD não chega a direcionar a atenção aluno, de forma consciente, para qual variedade linguística utilizar nesse gênero e sobre o fato de que a variante é empregada dependendo do interlocutor do texto, do veículo de divulgação do relato. Essas especificidades somente são destacadas na seção “Planejamento do texto”, onde o material expõe que é preciso “empregar uma linguagem adequada ao perfil dos interlocutores e à situação” (CEREJA, MAGALHÃES, 2013, p. 14). No caso, os interlocutores dos textos dos alunos serão a comunidade escolar (alunos das outras classes, professores, funcionários), leitores do livro de classe onde serão divulgados os relatos pessoais produzidos pelos alunos do 1º ano do ensino médio.



Além do tempo verbal e da linguagem característica do gênero, trabalhados de forma superficial, como posto, nenhum outro recurso-linguístico que constitui o estilo do gênero é abordado pelo LD. Na página 144, são oferecidos alguns poucos exercícios para o trabalho com os adjetivos e substantivos, mas eles estão direcionados à construção de sequências descritivas, não relacionados de forma explícita à construção do relato pessoal.

Considerações finais

Os resultados de nossas análises demonstraram que: 1) a intenção comunicativa ou o querer dizer daquele que produz o relato pessoal; 2) a situação comunicativa ou campo da atividade humana da qual participa o gênero; 3) o suporte; 4) os elementos que formam o contexto de produção do texto; 5) os elementos que formam a arquitetura interna do texto - são tomados como objeto de ensino e aprendizagem pelo material. Contudo, em alguns momentos do trabalho, verificamos ora divergências entre a abordagem prática e a teoria anunciada no Manual do Professor do livro didático, ora abordagens superficiais aos elementos característicos do gênero.

No capítulo que se propõe para o ensino e a aprendizagem do relato pessoal, a finalidade em se produzir esse gênero não é trabalhada, existem apenas indicações ao professor, nas sugestões de resposta aos exercícios, de como encaminhar o trabalho. Há problemas com a apresentação da tipologia predominante no gênero que é a do relatar. Para o professor, o material institui o tipo de texto como do narrar, e não como do relatar. Mas para o aluno, a sequência é trabalhada de forma pontual e adequada. No trabalho com o exemplar do gênero, o LD não contextualiza o veículo de divulgação do texto, dificultando o reconhecimento de quem seriam os destinatários. Não existem atividades que tomem o tempo e o espaço como conteúdo escolar. Sobre os elementos que formam a arquitetura interna do relato pessoal: o plano geral é trabalhado de forma superficial; os tipos de discurso não são trabalhados; e a



respeito do estilo, somente o tempo verbal e a variante linguísticas são abordados, contudo, também de maneira superficial.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.

_____./VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo/SP: Hucitec, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 1. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona)*. Tradução de Roxane Rojo. Xérox, LAEL, PUC-SP.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Curitiba/PR: SEED, 2009.